VISITAS NOSSOS AMIGOS DO OUTRO LADO

TOM HARRISON

Tradução: Amadeu António

Grok

O PROPÓSITO DESTE LIVRO

Partilhar com o maior número possível de pessoas as experiências maravilhosas do nosso Círculo Doméstico Familiar em Middlesbrough, de abril de 1946 até meados dos anos 1950; interessar aqueles que não estão ativamente envolvidos em assuntos psíquicos e ajudar e encorajar aqueles que estão. ** Prestar homenagem à notável mediunidade da minha mãe e aos seus muitos anos de sacrifício em benefício de tantas outras pessoas, sem qualquer pensamento de ganho pessoal. *** angariar fundos para essas admiráveis instituições de caridade dedicadas aos cuidados de enfermagem das vítimas de longa duração do cancro — que devastou tanto a minha mãe como a minha primeira mulher durante tantos anos.

Todos os que se sentaram no nosso Círculo ficaram convencidos da genuinidade dos fenómenos excecionais que testemunharam em ambiente tão acolhedor. Os seus agradecimentos pessoais e cartas diziam tudo. Aconteceu tal como eu o relatei — sem nunca ter sido contemplado qualquer ganho financeiro ou material. A minha mãe teria abominado a própria ideia. Qualquer motivo para engano, truque ou «ter de fazer algo acontecer» era, portanto, completamente inexistente. As minhas notas pessoais, tomadas imediatamente após cada sessão semanal, constituem a principal fonte de informação para este livro.

O que vais ler são Factos, não Ficção. Testemunho genuíno de testemunhas oculares. Para aqueles que estão interessados em formar o seu próprio Círculo Doméstico, permitam-me oferecer o conselho que nós achámos tão benéfico: Sejam estritamente disciplinados com os vossos arranjos de sessão. Se acordarem começar às 20h — então comecem às 20h, não às 20h15 ou 20h30 quando vos convier. Se acordarem sentar-se todos os sábados, ou sábados alternados, ou quando quer que seja — façam exatamente o que acordaram.

Os vossos amigos espirituais, com quem esperam estabelecer contacto, têm pelo menos direito a essa cortesia normalmente aceite; para não falar do facto de que eles também têm muitos preparativos a fazer — especialmente com fenómenos físicos. Tem de haver completa sinceridade e harmonia de propósito entre os participantes; cada um disposto a dar em benefício do todo. Não há lugar para egocêntricos ou oportunistas.

Deem ao vosso espaço uma atmosfera amiga, alegre e amorosa, onde os vossos amigos espirituais se sintam felizes por aceitar o vosso acolhimento caloroso e manifestar a sua presença da maneira que acharem mais adequada naquele momento. À medida que progredis, estejam sempre prontos, como nós estivemos, para fazer quaisquer alterações que eles vos aconselhem. Desejo-vos todo o sucesso nos vossos esforços. Tom Harrison

A PREPARAR O PALCO

Um MUITO caloroso bem-vindo ao nosso Círculo Doméstico. Permiti que vos apresente os nossos participantes regulares, cujo compromisso sincero tornou tudo possível. Seis de nós começámos em abril de 1946, mas depressa fomos acompanhados pela Sra. Hildred e pelo Sr. Jones, perfazendo oito que se sentavam todas as semanas (exceto numa pausa anual de férias acordada) até meados dos anos 1950, quando, por razões de saúde, a minha mãe já não pôde continuar. Sofreu numerosas operações devido ao cancro e passou para o outro lado em 1958.

A nossa Médium — a minha mãe, Minnie Harrison. A mais nova de 10 filhos da família Bessant, todos medianímicos em graus variáveis. O encorajamento parental permitiu-lhes desenvolver-se num ambiente sem inibições e a minha mãe era já clarividente e clariaudiente na adolescência. Quando iniciámos o nosso Círculo Doméstico tinha 51 anos e já era Médium de Transe há alguns anos. Era, portanto, este tipo de fenómenos que antecipávamos ao começar, mas mal sabíamos que experiências maravilhosas e inesperadas nos aguardavam!

O meu pai — Thomas Henry Harrison — geralmente conhecido por Tosher. Não era medianímico, mas fornecia muito poder psíquico.

Sydney e Gladys Shipman — os nossos bons amigos e anfitriões quando as sessões dos primeiros anos se realizavam na sala de estar atrás da padaria deles em Middlesbrough. Padeiro-mestre e diretor de empresa, Sydney foi criado num ambiente espiritualista e é muito medianímico. Homem muito prático com uma visão perspicaz — certamente não dado a autoengano ou ingenuidade. Gladys interessou-se pelo Espiritualismo depois de casarem em 1937 e tornou-se uma trabalhadora entusiasta do Movimento. Boa mulher de negócios e colega de direção na empresa deles. Agora desfrutam a reforma em Robin Hood’s Bay, onde, embora já na casa dos oitenta e

muitos, Sydney ainda prossegue o seu entusiasmo vitalício de divulgar as nossas «Verdades Psíquicas».

A minha primeira mulher, Doris, a segunda mais velha de 10 na família Hudson, uma conhecida família espiritualista local. Enfermeira Diplomada e parteira, mãe devota dos nossos seis filhos, Doris era bastante medianímica e muito artística, mas ao mesmo tempo muito prática e com os pés na terra. Uma verdadeira mulher de família, nunca estava mais feliz do que rodeada de crianças.

Eu próprio — filho único — criado num ambiente espiritualista onde conheci Doris. Modestos poderes de cura com alguma consciência medianímica, mas mais um «doador de poder». Tal como Sydney, tenho uma visão investigativa «sem tretas» e não suporto qualquer laivo de pretensão — especialmente quando estão em causa mediunidade e assuntos psíquicos. Membro do Brit. Inst. Management.

Sra. Florence Hildred — mãe viúva de Gladys, cujo marido Sam passara para o outro lado subitamente em dezembro de 1945. Sam Hildred depressa se tornou um comunicador regular de primeira classe através do Trompete. Homem extremamente simpático e amigável, obviamente gostava da sua conversa semanal. Falava com voz muito clara e no seu jeito inconfundível.

Sr. William Brittain Jones, F.R.C.S. — cirurgião notável e altamente respeitado no Nordeste; foi superintendente do Hospital Geral de Middlesbrough durante muitos anos. Homem entusiasta e vivaz, com vasta experiência investigativa.

Do Mundo Espiritual — tínhamos numerosos ajudantes e visitantes regulares, mas havia Alguns Especiais cuja orientação e apoio eram particularmente valiosos e cujos nomes encontrarás com frequência ao longo deste livro: Sunrise — um índio norte-americano pele-vermelha — Guia principal da minha mãe e Líder do nosso Círculo do lado espiritual. Um «Chefe» completamente fiável e leal em todos os aspetos. Era o Organizador e Protetor — o «Homem da Ligação» na linguagem atual — com responsabilidade específica pela segurança da Médium contra espíritos interferentes ou malévolos que não compreendem o grave dano que podem causar com as suas ações espontâneas. Interveio em várias ocasiões ao longo dos anos.

Tia Agg — (Sra. Agnes Abbott) — uma das irmãs mais velhas da minha mãe, médium muito conhecida na Marylebone Spiritualist Asscn (hoje The S.A.G.B.) em Londres, desde meados dos anos 1930 até passar para o Mundo Espiritual em 1942. Tal como a minha mãe, mulher simples e sem pretensões que arranjava sempre tempo para ajudar quem precisava. Pessoa bondosa que nunca falava mal de ninguém, mas suficientemente forte para «falar claro» quando necessário.

Avó Lumsden — avó de Doris pelo lado materno; passou para o Mundo Espiritual em 1930, com cerca de 75 anos. Outra que passava a maior parte do tempo aqui a cuidar das necessidades dos outros. Personalidade calorosa e amigável que se materializava sempre com uma gargalhada espontânea e uma palavra alegre para todos. Nunca havia um momento aborrecido quando a Avó estava por perto!

Sam Hildred — ver Sra. Hildred acima.

O diagrama abaixo mostra como estava disposta a disposição dos lugares nas nossas sessões semanais. A minha mãe sentava-se em frente da cortina enrolada para os fenómenos de Voz de Trompete e depois, quando a cortina era desenrolada, mudava-se para a cadeira atrás dela para os fenómenos de Materialização. As razões disto serão explicadas mais adiante.

Abríamos sempre com uma oração — no nosso caso a «Invocação aos Anjos» de um livro chamado The Lyceum Manual com que estávamos familiarizados — mas qualquer outra oração sincera pedindo proteção e orientação durante a sessão seria suficiente.

Depois juntávamos as mãos durante alguns minutos e cantávamos quatro ou cinco canções alegres e conhecidas por todos. Isto ajuda a «elevar as vibrações» para auxiliar os nossos amigos espirituais. Sentávamo-nos num estado completamente descontraído, usando as cadeiras do quarto — algumas de sala, outras de jantar. É extremamente importante criar uma atmosfera amigável e acolhedora em todos os momentos e tanto o amor como o riso são ingredientes oportunos.

Nos primeiros dias sentávamo-nos em completa escuridão durante toda a sessão — normalmente não mais de uma hora — mas à medida que nos desenvolvíamos as sessões tomaram um formato diferente — primeiro os fenómenos de Trompete, seguidos mais tarde pelas Materializações. Durante os fenómenos de Trompete, uma vara ectoplásmica é ligada da

médium à extremidade mais estreita do trompete (como se vê na Fotografia C). Isto permite aos ajudantes espirituais mover o trompete pela sala e serve também de «linha telefónica» ao longo da qual as vozes espirituais são transmitidas para todos na sala ouvirem. Na prática, o trompete é usado como um megafone amplificador.

Como se pode ver no diagrama, o trompete de alumínio era colocado numa tábua no chão, no centro do Círculo. Estando em completa escuridão, não conseguíamos ver grande movimento nos primeiros tempos, mas certamente ouvíamos os «pancada» que os nossos amigos espirituais davam com ele na tábua. De facto, devido às pancadas regulares — muitas vezes com grande força — a campânula de alumínio macio ficou bastante deformada e Sydney fixou uma faixa mais forte de metal mais espesso que lá está até hoje. Este trompete era, aliás, o mesmo que fora usado no próprio Círculo Doméstico da Tia Agg antes de ela passar — ela também fora uma boa médium de Trompete.

Na nossa décima sessão já nos tínhamos desenvolvido o suficiente para os nossos ajudantes espirituais nos dizerem que podíamos ter pontos luminosos na campânula, de modo que passámos a ver claramente o seu movimento pela sala.

Quando os fenómenos de Trompete começavam, normalmente cinco ou seis minutos após o início, muitos amigos espirituais indicavam a sua presença com diferentes movimentos do trompete. Depois Sunrise indicava a sua presença e controlo movendo rapidamente a campânula em círculos — o sinal do Sol. Em poucos minutos o trompete era pousado em posição horizontal a cerca de cinco pés (1,5 m) acima do chão; perfeitamente imóvel no centro do Círculo.

As vozes emergiam então dali — por vezes altas e claras, por vezes quase inaudíveis — dependendo da capacidade do comunicador espiritual. Sam Hildred era sempre muito claro e enérgico — exatamente igual a quando estava aqui na Terra. A voz de Sunrise também era bastante clara e geralmente ele atuava como Mestre de Cerimónias, dizendo-nos quem falaria a seguir. Ao longo dos anos o seu domínio da língua inglesa melhorou consideravelmente, para grande satisfação e prazer dele.

Como já disse, as nossas sessões desenvolveram-se depois em duas partes — Trompete e Materialização. Normalmente, após cerca de meia hora,

Sunrise dizia-nos que era altura da «mudança» e devolvia o trompete ao seu lugar original na tábua. Cerca de cinco minutos depois, a mãe já saía suficientemente do transe profundo para se poder deslocar para a cadeira no canto — mas muitas vezes precisava de ajuda para dar os poucos passos.

O pedaço de cortina de blackout, que estava dobrado sobre o varão de madeira, era então deixado cair pelo canto e a minha mãe ficava sentada numa «cabine» muito simples. Ligávamos então a luz vermelha suave, à qual estava ligado um reostato para que eu pudesse ajustar o brilho, dependendo da experiência e capacidade das pessoas espirituais materializadas.

À medida que nos desenvolvíamos mais, certas pessoas espirituais que vinham todas as semanas — como a Tia Agg e a Avó Lumsden — conseguiam suportar uma luz vermelha muito mais intensa e permanecer muito mais tempo — muitas vezes até 10/15 minutos. A Fotografia «B» foi tirada com essa luz vermelha intensa.

Depois de a mãe entrar na cabine, cantávamos mais algumas canções alegres para ajudar a reconstruir o poder. Em poucos minutos Sunrise falava-nos de trás da cortina por meio de Voz Direta, ou seja, sem o trompete mas através de uma caixa vocal ectoplásmica. Isto indicava que a mãe estava novamente em transe profundo e as Materializações prosseguiam.

No início, as nossas sessões raramente excediam uma hora, mas em poucos meses duravam frequentemente uma hora e meia a duas horas — dependendo do «poder» disponível — e o horário estava sempre nas mãos dos nossos ajudantes espirituais. Sunrise dizia-nos quando era altura de encerrar e nós respondíamos em conformidade.

Durante um pequeno lanche oferecido por Gladys todas as semanas, discutíamos ansiosamente o que tinha acontecido e eu tomava imediatamente as minhas breves notas semanais. A minha mãe ouvia sempre com grande interesse, claro, e muitas vezes com espanto, porque, estando em transe profundo, não tinha qualquer consciência do que acontecera.

Todos nós a agradecíamos todas as semanas por nos dar tanta alegria e prazer sem poder participar dela. A resposta modesta e verdadeiramente humilde era sempre a mesma: que ela não fazia nada; eram a tia Agg, o

Sunrise e todos os outros ajudantes espirituais que faziam o trabalho! Ela era «apenas» a médium e limitava-se a adormecer!

No início dos anos 50 tivemos a sorte de receber um gravador (ainda uma novidade na época) da mãe de Doris, a Sra. Annie Hudson, uma senhora verdadeiramente graciosa e adorável. A partir daí a minha mãe passou a ter o prazer adicional de ouvir as gravações enquanto tomávamos o lanche semanal. Infelizmente não podíamos comprar fitas suficientes para guardar todas, por isso gravávamos por cima todas as semanas. Eram sobretudo para benefício da minha mãe — e ela adorava-as, especialmente quando pessoas espirituais como as irmãs, irmãos e outros amigos deixavam mensagens específicas para ela ouvir. Ainda guardo uma ou duas gravações especiais.

Mas lembrai-vos — e não se pode repetir demais — tal comunicação é sempre uma via de duas mãos e vezes sem conta os nossos amigos espirituais agradeceram-nos por lhes darmos a oportunidade de encontrar e falar com os entes queridos que ainda estão na Terra.

Nós nunca os «trazemos de volta» — eles estão sempre entre nós — sempre prontos a aproveitar a oportunidade de se darem a conhecer, cada um à sua maneira individual que conseguimos reconhecer.

Vivem vidas muito ativas no Mundo Espiritual sem o peso de um corpo físico e nunca invadem a privacidade do nosso dia a dia; mas estão sempre à mão quando sentimos o desejo ou a necessidade de os chamar — nunca mais do que um pensamento de distância!

O CAMINHO DE REGRESSO A CASA

No sábado à noite, 10 de janeiro de 1948, ouvimos todos uma voz suave e algo hesitante que vinha do Trompete suspenso no centro do nosso Círculo.

Pertencia a um rapaz que se apresentou como James Andrew Fletcher. Passara para o outro lado com cerca de 12 anos e fora atraído pelo «brilho intenso» que saía do nosso Círculo enquanto estávamos sentados numa sala às escuras.

Através de perguntas e respostas fomos obtendo o máximo de informação possível, mas ele ainda estava inseguro. Ficámos a saber que passara a 6 de

junho de 1941; não tinha irmãos mas tinha um cão de estimação de que gostava muito.

Pensava ter morado na Coniston Avenue, ou algo parecido, em Haverton Hill, uma aldeia a poucos quilómetros de Middlesbrough, junto às enormes fábricas da I.C.I. Billingham. Tentara visitar a casa, disse, mas havia uma névoa que não conseguia atravessar.

Ficava perto de nós e podíamos ajudá-lo?

Eu estava livre na quarta-feira seguinte à tarde e disse-lhe que iria a Haverton Hill tentar encontrar a casa dele, convidando-o a acompanhar-me — com a ajuda talvez da tia Agg ou de outros espíritos que lhe fossem familiares.

Tentaríamos atravessar aquela barreira de névoa e voltar a ligá-lo à mãe, ao pai — e ao cão, se ainda lá estivesse.

Como não conhecia bem Haverton Hill, parei o carro numa loja local. Sabiam de alguma Coniston Avenue? Não, desculpem — mas há uma Collinson Road mesmo ali ao virar da esquina. Agradeci e segui.

À minha frente estendia-se uma longa rua de casas municipais, quatro ou cinco por quarteirão, com pequenos jardins à frente — iguais a milhares construídas nos anos 30. Fiquei ali parado a pensar por onde começar as buscas — que eram, no mínimo, invulgares. «Collinson» — «Coniston» — eram parecidos, por isso TINHA de tentar, por causa do James.

Três da tarde de uma quarta-feira e nem uma alma à vista. A que porta bato? A resposta veio quando vi uma senhora a sair de casa três quarteirões mais adiante.

«Desculpe, sabe onde moram os Fletcher?» Imaginem o meu espanto quando ela respondeu de imediato: «Sim, mesmo ali na esquina, no número 20.» Seria assim tão fácil?

Toquei à campainha do 20. Ninguém. Toquei outra vez. Continuava ninguém, mas uma senhora apareceu à porta da casa ao lado. Podia ajudar?

«Sim, por favor — queria falar com a Sra. Fletcher.» A palavra «Sra.» veio-me automaticamente à cabeça por achar que estaria mais provavelmente em casa a essa hora. O Sr. decerto estaria a trabalhar.

«Não, está fora — trabalha na cantina da ICI e só chega por volta das 16h30.» Agradeci e disse que tentaria voltar às 19h30 e que talvez ela avisasse a Sra. Fletcher.

Voltei mesmo às 19h30 — noite de janeiro escura como breu e extremamente fria, com candeeiros de gás muito fracos.

Toquei outra vez ao 20 — agora com mais apreensão, sem saber o que me esperava. Desta vez responderam depressa e um homem confrontou-me à porta.

«É o tipo que veio falar com a minha mulher esta tarde?» ladrado antes que eu abrisse a boca! Ai, pensei, o que foi que eu fiz!

«Sim, senhor», respondi o mais amigavelmente possível, «mas também gostaria de falar consigo, se me permitir.»

«Bom, o que quer?» retrucou.

Como já disse, as minhas buscas eram algo invulgares, ainda por cima com uma entrada tão agressiva. Bem, pensei, lá vai — perguntas simples e improviso.

«Teve um filho chamado James Andrew?» «Sim», veio a resposta.

«Tinha cerca de 12 anos quando morreu?» Outro «Sim» seco.

«Morreu a 6 de junho de 1941?» perguntei, já bastante excitado por dentro.

«Sim», disse ele, agora menos agressivo — mas acrescentou logo: «Como é que VOCÊ sabe e do que se trata isto?» Pergunta perfeitamente razoável a um completo estranho que bate à porta numa noite escura de inverno.

«Estou a investigar informações sobre fenómenos psíquicos e esperava que me pudesse ajudar», respondi.

Mal ele sabia o quanto já o fizera. Três perguntas — três respostas afirmativas!

Tudo isto ainda à porta da frente, em três ou quatro minutos.

Teria mesmo encontrado a casa daquela «voz» que tínhamos ouvido pela primeira vez apenas quatro dias antes? Parecia que sim — mas ainda vinha mais. Nessa altura uma senhora apareceu à porta.

«O que se passa? O que quer ele?» perguntou. O Sr. Fletcher explicou brevemente, agora com voz muito mais calma e sem a agressividade inicial.

«Quer entrar e falar?» disse a senhora, e pareceu-me detetar uma nota de expectativa na voz. «Muito obrigado — está mesmo frio cá fora.»

A partir do momento em que entrámos na sala a atmosfera mudou — muito mais amigável, embora ainda algo tensa.

Uma lareira alegre saudou-nos e sentei-me numa poltrona ao lado do aparador, onde estava uma fotografia emoldurada de um rapaz bonito — decerto o James. O Sr. e a Sra. Fletcher sentaram-se no sofá do outro lado da lareira, de frente para mim — ainda um completo estranho a fazer perguntas sobre o filho morto. Mas a simpatia continuou. «Quer uma chávena de chá?» «Muito obrigado», respondi.

Quando a Sra. Fletcher foi para a cozinha, um terrier de pelo áspero saltou lá de dentro e sentou-se imediatamente à minha frente; cauda a abanar furiosamente, orelhas direitas e ganindo em vez de ladrar. «Muito estranho», comentou o Sr. Fletcher, «não costuma ser assim com estranhos.»

Mas, como lhes expliquei, não estava a olhar diretamente para mim, mas sim por cima do meu ombro direito onde sem dúvida o James estava de pé atrás de mim. Sim, era o cão do James, o «Rags», e estava a dar-lhe as boas-vindas a casa!

Missão cumprida, pensei — e iria embora depois do chá. Mas não.

Ao entregar-me a chávena, a Sra. Fletcher disse, algo tímida: «Nós somos católicos, sabe», com todas as implicações que isso trazia. Ofereci-me imediatamente para sair e garanti que não queria ofender as suas crenças ou princípios religiosos.

«Oh não», disse ela, «gostávamos de falar consigo», e o marido acenou em concordância. A partir daí foi a Sra. Fletcher quem falou mais — o amor natural de uma mãe pelo filho único era evidente.

Expliquei brevemente o nosso pequeno grupo e como tínhamos ouvido a voz do filho deles no sábado anterior. Escutaram com atenção e interesse óbvio. Não havia qualquer sinal de descrença.

Embora já tivesse passado o Dia de Reis, reparei que ainda havia algumas decorações de Natal na sala — o que não é invulgar. O que era invulgar era a razão de ainda lá estarem.

Durante a conversa, a Sra. Fletcher contou-me que tivera uma «sensação estranha» no Natal de montar uma árvore e decorar a sala como faziam sempre quando o James era vivo. A sensação fora tão forte, embora não soubesse porquê, que desenterrou todas as decorações que guardara e nunca mais usara desde a morte do James — há mais de seis anos.

Agora compreendia, disse, por que razão a sensação fora tão forte naquele ano em particular e sentia-se felicíssima por ter seguido o impulso!

Senti então que a minha visita não só ajudara o James a regressar a casa, como, igualmente importante, os pais tomaram consciência da presença dele e aceitaram a situação com alegria. A «névoa» que o James não conseguira atravessar dissipara-se e a família Fletcher estava novamente completa.

O «brilho intenso» que o James vira sair do nosso Círculo naquele sábado à noite fora como um farol para ele, e no sábado seguinte voltou para nos agradecer — desta vez com voz muito mais forte e clara!

Esse mesmo brilho psíquico foi também farol para muitos outros espíritos frustrados, confusos ou simplesmente «perdidos» que tivemos a alegria de ajudar ao longo dos anos.

NOTA ESPECIAL

Esta é prova de sobrevivência espiritual da mais alta qualidade porque o James veio ter connosco naquela noite como um completo desconhecido e nenhum de nós sabia nada sobre ele ou a família.

Ainda assim consegui seguir as informações fragmentadas que nos deu e provar conclusivamente que eram 100 % exatas.

A desculpa gasta que os céticos usam — que os médiuns obtêm a informação das mentes dos participantes sem estes se aperceberem — simplesmente não se aplica aqui.

A alegria do James e dos pais foi igual à nossa por podermos ajudá-los de forma tão concreta.

(Por razões de privacidade pessoal, o apelido e o nome da rua foram alterados, mas tudo o resto aconteceu exatamente como aqui se relata.)

MATERIALIZAÇÕES ECTOPLÁSMICAS

NÃO Aparições Fantasmagóricas Como podeis ver nas Fotografias «A», «B» e «C», o Ectoplasma é uma substância material que emana da médium. É usado pelos ajudantes espirituais — químicos e cientistas — de muitas formas e é, na prática, o seu «material de construção». É afetado por qualquer tipo de luz, especialmente luz branca, e é por isso que grande parte destes fenómenos se realiza em escuridão total ou luz vermelha suave.

Críticos e céticos usam regularmente este facto como «arma» para atacar a genuinidade, mas esquecem-se convenientemente de que não teríamos cópias de negativos fotográficos se os revelássemos à luz branca. Tal como na fotografia, usa-se luz vermelha nos círculos de materialização como o nosso, mas apenas com o consentimento dos ajudantes espirituais. Isto é extremamente importante para a proteção da médium, que poderia sofrer lesões graves com uma fonte de luz inesperada — especialmente uma lanterna. Ações irresponsáveis deste tipo contribuíram para a morte da conhecida médium de materialização Helen Duncan, e era nossa responsabilidade garantir que a minha mãe nunca corresse esse risco.

Embora nos sentássemos em escuridão total nos primeiros seis meses, isso não significava que não víssemos alguns fenómenos na sala à medida que os olhos se habituavam e percebiam o que estava perto — e numa sala tão pequena nada ficava a mais de quatro ou cinco pés de distância.

Melhor ainda: a 23 de novembro de 1946 o Sunrise disse-nos que podíamos ter luz vermelha suave, permitindo-nos ver tudo com muito mais clareza.

Já tínhamos mãos materializadas há várias semanas e os nossos ajudantes espirituais disseram-nos que estavam a desenvolver gradualmente as competências necessárias para chegar a pessoas espirituais totalmente materializadas. A 7 de dezembro de 1946, para nosso enorme deleite e espanto, conseguiram-no e a minha tia Agg materializou-se!

Visível para todos os participantes na luz vermelha suave, pôs-se de pé no centro do Círculo, inclinou-se para mim e segurou-me a mão — com

firmeza e naturalidade. Depois entregou-me três cravos cor-de-rosa e um branco, que me lembro de apertar com muita força — com medo, suponho, que desaparecessem. Mas claro que não, tal como todos os outros apports que recebemos, e ainda guardo um deles na minha coleção (Foto «D»).

Foi uma noite muito comovente e marcante, mas apenas o início de tantas outras noites excitantes e prazerosas que se seguiriam.

Durante as seis semanas seguintes não houve qualquer fenómeno de Trompete, mas várias pessoas espirituais diferentes materializaram-se em cada sessão na luz vermelha suave. Os nossos ajudantes espirituais progrediam admiravelmente e, durante todas essas sessões, a minha mãe estava sentada no Círculo (cadeira n.º 1 no diagrama) à vista de todos nós. Isso significava que podíamos ver simultaneamente a Médium e o Espírito materializado!

Convém talvez explicar que, ao longo dos anos do nosso Círculo Doméstico, embora houvesse muitas materializações em cada sessão, apenas um Espírito se materializava de cada vez porque só havia um cordão/ligação ectoplásmica com a médium.

Uma semana materializou-se a mãe do Sr. Jones e seguraram as mãos um do outro durante alguns minutos. Antes de partir, todos a ouvimos dizer-lhe «Brittain, meu rapaz», o que ele confirmou depois, bastante emocionado, pois era assim que ela lhe chamava sempre. Ninguém na sala sabia disso, e muito menos a minha mãe, a médium — embora soubéssemos, claro, que Brittain fazia parte do nome completo dele.

Enquanto conversávamos durante o lanche, o Sr. Jones comentou que, sendo médico, gostaria muito de sentir o pulso do corpo materializado da tia Agg algum dia, e combinámos mencioná-lo na sessão do sábado seguinte.

Chegado o sábado à noite, a tia Agg materializou-se como de costume. Mas antes que tivéssemos tempo de lhe falar do pedido do Sr. Jones, ela virou-se diretamente para ele, estendeu o braço e disse que viera naquela noite expressamente para ele sentir o seu pulso!

Mais um exemplo da proximidade e amizade dos nossos ajudantes espirituais, que evidentemente ainda estavam entre nós durante o lanche e ouviram o comentário do Sr. Jones.

O Sr. Jones ficou encantado, claro, com resposta tão imediata e ali mesmo sentiu-lhe o pulso. Confirmou que era perfeitamente normal e acrescentou, no seu humor seco característico: «Obrigado, Sra. Abbott (assim lhe chamava sempre), vai viver bem.» A tia Agg riu-se e garantiu-nos que ele tinha toda a razão — estava viva e de boa saúde!

No início de janeiro de 1947, o Sunrise avisou-nos que o «processo de construção» das formas materializadas na luz vermelha suave consumia tanto «poder» que seria difícil aumentar muito mais a iluminação. Tínhamos discutido isso com ele várias vezes e agora sugeriu que improvisássemos uma «cabine» simples para proteger o «processo de construção» da luz vermelha. Assim, disse, as pessoas espirituais poderiam construir mais eficazmente dentro da cabine e depois avançar para a nossa vista numa luz vermelha muito mais intensa.

Disto podeis compreender a nossa atitude positiva face a qualquer melhoria possível dos fenómenos. Por isso, no sábado seguinte, o Sydney já tinha fixado um pedaço de tecido de blackout (abundante logo após a guerra) num varão de madeira e arranjou-o de modo a repousar na moldura dos quadros, atravessando o canto à esquerda da lareira. (Ver «A Preparar o Palco» e Foto «B».)

Este arranjo muito simples revelou-se extremamente eficaz e manteve-se como a nossa «cabine» durante todos os anos de sessões. O espaço de 38 cm entre o topo da cortina e o teto não era problema para os nossos ajudantes espirituais. Aliás, à medida que progredíamos, eles criavam clarões de luz branca intensíssima atrás da cortina e, graças ao espaço, todos nós os víamos. (Ver capítulo posterior «Luzes Espirituais».)

A partir da primeira sessão com a cabine, a 18 de janeiro de 1947, a «qualidade» das formas materializadas melhorou significativamente e puderam ficar connosco muito mais tempo. Frequentemente a tia Agg sentava-se na cadeira vazia em frente da cabine e ficava até 10 minutos — por vezes 15 (tudo registado nos meus cadernos). Estas estadias mais longas eram habitualmente quando tínhamos visitantes especiais como o filho Terry, a irmã Mary ou amigos chegados que conhecera em Middlesbrough anos antes de se mudar para Londres.

As pessoas espirituais que se materializavam pela primeira vez diziam ter grande dificuldade em suportar o peso do corpo e das vestes ectoplásmicas

— especialmente as que estavam há muitos anos no Mundo Espiritual. Comparavam-no a vestir um sobretudo grosso e pesado com os bolsos cheios de pesos — não é fácil manter-se de pé ou andar assim.

Em geral os «recém-chegados» afastavam a cortina e ficavam ao lado da lareira — como a tia Agg na Foto «B». Eu atravessava a sala para os cumprimentar, apertar a mão ou abraçar e beijar se fossem familiares ou amigos próximos. Quando havia espíritos materializados para visitantes do nosso Círculo, levava-os a encontrá-los e também se abraçavam e beijavam.

No fim das visitas, os espíritos materializados mais experientes, como a tia Agg e a avó Lumsden, despediam-se à sua maneira e recuavam para trás da cortina.

Os menos experientes, porém, não conseguiam fazê-lo devido ao peso desconhecido do ectoplasma. Após alguns minutos de pé a falar connosco, diziam qualquer coisa como «já não aguento mais» e tinham de ir. Enquanto ainda falavam, o corpo ectoplásmico descia gradualmente para o chão, parecendo entrar por uma «alçapão» — que vos garanto não existia no chão acarpetado da sala do Syd e da Gladys.

O que acontecia era que, por incapacidade de manter o «poder», o ectoplasma recuava lentamente pelo chão, para dentro da cabine e em direção à médium, a quem estava ligado o tempo todo. Ouvíamos frequentemente estes espíritos exprimir frustração e desapontamento ao desaparecerem, mas os nossos ajudantes espirituais garantiam-nos que nem o espírito materializado nem a médium sofriam qualquer dano, pois todo o processo estava sob controlo deles.

Como já deveis ter percebido, os espíritos materializados não são aparições fantasmagóricas. São pessoas do Mundo Espiritual — ainda muito próximas de nós, interessadíssimas em ajudar quando necessário e sempre, sempre felicíssimas por nos encontrar de forma tão palpável. Comparai com os sentimentos de uma avó idosa no Reino Unido que, pela primeira vez talvez, voa para junto dos filhos e netos emigrados para a Austrália há 30 ou 40 anos.

Embora cada sessão fosse sempre especial e nunca déssemos nada como garantido, houve ocasiões em que aconteceu algo totalmente inesperado ou

muito diferente, e essas contei com mais detalhe em histórias individuais, algumas das quais incluídas neste livro.

O Além Parece-me tão curto o caminho até esse estranho país — o Além, E no entanto não é estranho, pois tornou-se a casa daqueles de quem tanto gosto. Ella Wheeler Wilcox

ANIVERSÁRIO DA TIA AGG

E DIA DO CASAMENTO DO FILHO

SÁBADO, 14 de junho de 1947, foi um dia muito especial para a tia Agg. Teria feito 62 anos (morrera em novembro de 1942) — e nesse dia o filho mais novo, Terry, casou com uma das irmãs mais novas da minha mulher, Ruby Hudson, na Igreja Espiritualista de Middlesbrough.

A cerimónia foi conduzida por um velho amigo tanto da família Hudson como da tia Agg — Jim McKenzie, conhecido por todos como Mac. O organista foi outro bom amigo — Sr. Todd. Por isso foi justo que o Sr. e a Sra. McKenzie e o Sr. e a Sra. Todd fossem convidados como visitantes do nosso Círculo Doméstico naquela noite. Os fenómenos para ambos os casais foram excitantes e cheios de provas!

Começámos como sempre com fenómenos de voz de trompete. A primeira voz que ouvimos foi muito fraca — apenas «Bruce… Bruce…» e nada mais. O nosso líder espiritual Sunrise tomou então controlo do trompete e explicou que a voz pertencia a um rapazinho acompanhado por outro cujo nome era Robert. Acrescentou que «queimaduras» estavam ligadas à passagem de ambos para o Mundo Espiritual, mas não conseguiam usar o trompete para falar.

O Sr. e a Sra. McKenzie reconheceram imediatamente o filho Bruce e o primo Robert. Robert morrera queimado anos antes, ainda menino, e Bruce ficara tão gravemente escaldado num acidente em casa, com apenas 11 meses, que passara para o outro lado.

O acidente de Bruce acontecera nove anos antes enquanto o Mac cuidava dele, e desde esse dia triste que ele se culpava por não ter vigiado melhor. Sunrise disse então ao Mac que o Bruce queria que o pai soubesse que não se culpasse e que sabia quanto ele sofrera nos últimos nove anos. Isso aliviou visivelmente o Mac, como ele próprio disse na altura.

Mas o melhor veio depois: ainda na mesma sessão, Bruce materializou-se como jovem adulto crescido no Mundo Espiritual. Pôde falar cara a cara com o pai e confortá-lo da forma mais pessoal possível. Embora o Mac já tivesse vivido fenómenos de materialização, naquela ocasião especial ficou profundamente comovido — mas foi para casa um pai felicíssimo.

Não pude deixar de pensar como seria maravilhoso se os inúmeros pais, familiares e amigos em luto pudessem calçar os sapatos do Mac. O mundo seria, tenho a certeza, um lugar muito mais feliz.

Depois de Sunrise falar de Bruce e Robert, outro cavalheiro falou pelo trompete — disse ser James McKenzie, pai do Mac. Falou com clareza, leve sotaque escocês e frases curtas. Deu mais provas ao Mac. Mais tarde Sunrise disse que o Mac se sentira muito amargurado com o comportamento do pai em vida, mas recentemente perdoara-o por sentir que ele «trabalhara a sua própria salvação».

O Mac confirmou imediatamente que era absolutamente verdade — mas ninguém no Círculo o sabia. O pai abandonara a mulher e os filhos quando o Mac tinha apenas seis anos — facto conhecido apenas pelos McKenzie presentes naquela sala! É curioso recordar que, meses depois, noutra sessão com o Mac como visitante, o pai materializou-se e encontraram-se cara a cara. Enquanto se apertavam a mão e conversavam, o pai pediu perdão. Num momento muito emotivo para ambos, o Mac perdoou sem hesitar.

Após mais fenómenos de trompete, tivemos as habituais materializações com vários parentes espirituais para os nossos visitantes. Quando a mãe da Sra. Todd se materializou, pareceu bastante preocupada porque a outra filha estava muito doente. Também isto foi confirmado pela Sra. Todd e, das pessoas presentes, só o Sr. e a Sra. Todd o sabiam. A mãe garantiu que estavam a ajudar o mais possível.

Por fim materializou-se a tia Agg — como sempre, encerrando a sessão com a sua presença alegre e amiga. Ao avançar da cabine, todos vimos na luz vermelha bastante intensa que trazia cinco cravos na mão e estava visivelmente cheia de alegria por os distribuir com as suas palavras escolhidas e adequadas.

Um para o Mac — «por ter conduzido a cerimónia de hoje que tanto significou para ela». Um para o Sr. Todd — «por ter tocado o órgão tão bem». Um para a minha mulher Doris passar à irmã Ruby, a noiva do dia

— «Com todo o meu amor e os melhores desejos». Um para a Sra. Mac — «velha e querida amiga». Um para a Sra. Todd, a quem disse: «Acho que te conhecia por Effie, não era?, lá na St. Pauls Road?» — e a Sra. Todd confirmou de imediato. Contou-nos depois que isso fora há mais de 15 anos, quando a tia Agg morava na St. Pauls Road em Middlesbrough — e, ainda mais significativo, só a própria Sra. Todd sabia; nem o marido.

A tia Agg exprimiu então o prazer de mãe por o filho mais novo casar com uma rapariga tão encantadora que cuidaria dele e por ele entrar numa família tão unida e boa. Mesmo antes de partir, desejei-lhe muitos parabéns e ela respondeu que fora o aniversário mais feliz de sempre.

Mais uma noite muito feliz, desfrutada por todos — especialmente pela tia Agg e pelos nossos amigos espirituais!

E há Espíritos, mensageiros do Amor, Que acorrem ao chamamento e fortalecem a nossa Força. Ella Wheeler Wilcox

---

Os pensamentos não precisam das asas das palavras para voar até qualquer meta, Como relâmpagos subtis, não como aves, Disparam de alma para alma. Ella Wheeler Wilcox

NÓS VIVEMOS (Este poema foi dado através da mediunidade da minha mãe em 1954. Foi composto pelo irmão dela no Mundo Espiritual, Jack Bessant, morto num acidente de trabalho em meados dos anos 20 e que muitas vezes nos falou pelo Trompete.)

Não choreis por mim, meus queridos, Pois estou ao vosso lado, Não parti para reinos desconhecidos nem atravessei a maré rolante. Não vos deixo desconsolados — nunca o faria; Enxugai essas lágrimas, erguei o olhar e sorri, pois ainda estou convosco.

Os meus olhos outrora fechados abriram-se, a visão clara e brilhante; Onde via através de vidro escuro, vejo luz perpétua. O véu foi apenas erguido e os entes queridos que partiram antes Esperam agora para me acolher, como nos dias de outrora.

O amor deles ainda me envolve, os espíritos não se extinguiram; E agora sei como sou conhecido — NÓS VIVEMOS! Não há mortos! Que os vossos corações se consolem, afastai dúvida e medo; Vivemos e caminhamos ao vosso lado — os vossos entes queridos ainda estão perto.

Não vos aflijais por mim, meus caros, enxugai essas lágrimas; Caminharei convosco pela noite escura da Terra até ao romper do dia. Erguei pois os corações em louvor agradecido e cantai connosco — Ó Túmulo, onde está a tua vitória? Ó Morte, onde está o teu aguilhão?

A voz dos mortos era para mim uma voz viva. Alfred, Lord Tennyson.

O CAMINHO DE REGRESSO A CASA (Um dos muitos poemas escritos em folhas soltas encontrados entre os pertences da minha mãe após a sua passagem em 1958.)

Passaste para além da nossa vista pela senda invisível, Na viagem de regresso a casa que todos faremos um dia. No coração e no lar deixas um vazio que ninguém pode preencher, Partiste — e no entanto parece que ainda estás perto.

Vais apenas um passo à frente, na curva escondida — Na estrada que nos leva a casa, ao fim da jornada. Embora a dor do luto permaneça na mente, Feliz é a memória que deixaste.

FOTOGRAFIAS As FOTOGRAFIAS «A», «B» e «C» nas páginas seguintes foram todas tiradas durante sessões no nosso Círculo Doméstico com a total cooperação dos nossos ajudantes espirituais. Isto é da maior importância.

O único objetivo, quando discutimos a ideia com a tia Agg e o Sunrise, era que a minha mãe pudesse ver algo dos fenómenos maravilhosos que tínhamos o privilégio de viver todas as semanas. Em transe profundo, ela não tinha consciência do que acontecia. Nunca nos passou pela cabeça publicá-las.

Quando obtivemos autorização para uma sessão específica, montámos a máquina num tripé, pré-ajustámos a abertura e a focagem e apontámo-la para o local onde os fenómenos ocorreriam. Era tudo muito «às cegas», na esperança de ter sorte.

Ficámos espantados e encantados com os resultados esplêndidos — sobretudo os tirados em escuridão total. Esses foram feitos em chapas infravermelhas com exposição de flash de uma lâmpada Sashalight dentro

de uma caixa de madeira com filtro Wratten de 5 cm quadrados na tampa. Ainda guardo a caixa, feita pelo Sydney, entre as minhas recordações — e uma caixa de chapas infravermelhas por usar.

Comparado com o equipamento «hi-tech» de hoje, parece quase «pré-histórico» — mas isso foi há 40 anos e éramos apenas fotógrafos amadores. Penso que as três que escolhi são as mais interessantes e probatórias da dúzia que tirámos.

«A» — ECTOPLASMA A EMANAR DA MÉDIUM Tirada em dezembro de 1948, em escuridão total, com chapa Kodak infravermelha.

A minha mãe está em transe profundo sentada numa cadeira no canto da sala que, com a cortina preta vista na Foto «B», formava a cabine muito simples que ajudava o «processo de construção» das pessoas espirituais materializadas. O ectoplasma sai-lhe da boca e nesta forma é bastante transparente, muito parecido com chiffon em aparência e textura.

Devo admitir que, quando a minha mãe viu esta fotografia pela primeira vez, ficou um pouco chocada e com o estômago revirado ao pensar que isto lhe acontecia enquanto «dormia». Mas isso não a impediu de continuar a sentar-se durante muitos anos — dando assim tanta alegria e prazer a tantas pessoas, tanto aqui como no Mundo Espiritual.

Esta fotografia em particular ilustra claramente quanto a médium se coloca nas mãos dos participantes e a necessidade absoluta de proteção nesses momentos. Não posso repetir isto vezes suficientes.

«B» — PESSOA ESPIRITUAL ECTOPLÁSMICA TOTALMENTE MATERIALIZADA Tirada em fevereiro de 1948, com luz vermelha suave, filme «super-rápido» e tempo de exposição de dois minutos.

Esta é a minha tia Agg e, como vedes, manteve-se perfeitamente imóvel. O homem à esquerda é o meu pai, um dos participantes; pela dupla exposição pode ver-se que ele se mexeu durante os dois minutos. Também durante a exposição ouvimos a minha mãe mexer-se na cadeira atrás da cortina. A tia Agg explicou-nos depois, nos cinco ou seis minutos que ficou connosco, que a mãe estivera «suspensa» no canto oposto da sala, a olhar para ela de cima, e tentara tocar-lhe — daí o movimento.

Acrescentou que, após o Círculo, a mãe provavelmente se lembraria da experiência — e assim foi: durante o lanche, disse de repente: «Oh, vi a

nossa Agg esta noite, ali de pé junto da lareira» — apontando exatamente para o sítio.

«Eu estava lá em cima naquele canto», acrescentou sem qualquer sugestão nossa, indicando o canto que a tia Agg mencionara. «Parecia exatamente a mesma de sempre — foi lindo!» Fora uma experiência única para a minha mãe e ela claramente adorara.

Notai as diferenças de textura do ectoplasma: o rosto, a parte superior da veste e a parte inferior, semelhante à da Fotografia «A». Eu costumava atravessar a sala para cumprimentar os nossos amigos espirituais e garanto-vos que as mãos e os rostos eram exatamente iguais à carne humana — lisos e quentes. Todos os visitantes que abraçaram os seus entes queridos confirmaram sempre o caráter natural dos espíritos materializados — nada de repugnante, nada de assustador.

«C» — MANIPULAÇÃO DO TROMPETE POR MEIO DE VARA ECTOPLÁSMICA Tirada em dezembro de 1948, em escuridão total, com chapa Kodak infravermelha; igual à Foto «A».

Mostra a «mecânica» dos fenómenos de Voz de Trompete num princípio de cantilever. A vara ectoplásmica, tão sólida que se vê claramente a sombra atrás, sai da boca da médium (como em «A») e, embora os espíritos usem a caixa vocal da médium em transe profundo, as vozes são todas diferentes — exatamente como eram em vida na Terra.

A outra extremidade da vara está fixa à ponta mais estreita do trompete, permitindo aos espíritos movê-lo pelo ar. Quando falavam, o trompete ficava normalmente «suspenso», imóvel, a cerca de 1,5 m do chão no centro do Círculo — posição de onde ouvíamos claramente. Mas quando havia um visitante com dificuldade auditiva, aproximavam-no dessa pessoa. Mais uma prova da atenção constante dos nossos amigos espirituais!

«D» — ALGUNS DOS APPORTS QUE RECEBEMOS Alguns exemplos das centenas de apports recebidos nas noites de sábado. Nas sessões iniciais, encontrávamos-os na sala após o fecho — flores pequenas caíam-nos nos joelhos, flores maiores apareciam na lareira. Mais tarde, com espíritos totalmente materializados (como na Foto «B»), eram frequentemente entregues em mão.

Estes exemplares, e outros, ainda os guardo; as fotografias recentes foram tiradas expressamente para este livro pelo meu filho Alan Harrison.

Nos envelopes de plástico: rosas e cravos secos e três objetos metálicos — (i) Um crachá de lapela do Lyceum Espiritualista com a imagem do fundador Andrew Jackson Davis. Trazido por um velho pioneiro do Lyceum de Middlesbrough, Sr. Chas Roeder, quando se materializou na nossa Festa Infantil a 3 de janeiro de 1948. (ii) Um botão de fardamento da Royal Artillery trazido na «Noite dos Soldados» de 8 de novembro de 1947, sábado mais próximo do Armistício. Todos os anos homenageávamos com uma sessão assim; a maioria dos visitantes espirituais eram militares das duas Grandes Guerras.

Nessa noite um deles foi um rapaz que o meu pai protegera em Ypres — Billy Earle. A morte trágica aos 17 anos comoveu tanto o meu pai que, quando nasci em 1918, acrescentou William ao nome de família Thomas — daí o meu nome Thomas William. (iii) Uma moeda de um penny de Vitória danificada, datada de 1864, apportada numa noite de sábado de uma caixa de moedas antigas que guardava numa gaveta a cerca de 800 m de casa. Ainda tenho a caixa com as restantes moedas.

«E» — OS DOIS SININHOS DE ESTILO INDIANO mencionados na história da nossa Festa de Natal de janeiro de 1954. O menor era o nosso, com uma haste partida. O maior foi o apport — certamente não estava na sala ao começarmos, mas estava ao terminarmos.

A NOSSA FESTA DE NATAL E OS DOIS SININHOS DE ESTILO INDIANO DURANTE o período de Natal e Ano Novo realizávamos todos os anos uma sessão especial a que chamávamos Festa das Crianças Espirituais. A árvore de Natal da família ia para a sala do Círculo, decorada com brinquedos pequenos — bonecas, carros, aviões, saquinhos de rebuçados, etc.

Todos os anos tínhamos uma noite esplêndida, ambiente de festa alegre e muita atividade dos nossos amigos espirituais. Muitas prendas eram tiradas da árvore pelas crianças espirituais — não para elas, claro, mas para deixar em casas de crianças pobres ou carenciadas na Terra! Explicaram-nos que desmaterializavam os brinquedos, levavam-nos e rematerializavam-nos onde mais precisavam. Tão simples para eles — tão eficaz — e decerto tão apreciado pelos pequenos!

Em contrapartida, recebíamos frequentemente prendas minúsculas como rebuçados embrulhados apportados para a sala e largados nos nossos joelhos na escuridão. Numa dessas ocasiões, o Sydney examinou os invólucros e ficou intrigado: pela sua experiência na indústria de confeitaria, aquela marca específica não se vendia na zona de Middlesbrough!

Numa sessão posterior disseram-nos que tinham sido apportados de uma grande festa em Londres; os poucos que recebemos não fariam falta entre dezenas de travessas.

Mas a festa de 5 de janeiro de 1954 foi memorável porque o nosso amigo Jim McKenzie, engenheiro elétrico, gravou toda a sessão — e ainda tenho uma cópia dessa fita que o «Mac» passou a centenas de pessoas em reuniões públicas no Nordeste.

E é aqui que entra a história dos Dois Sininhos de estilo indiano (Foto «E»).

Eu tinha o microfone e fazia comentário corrido.

Como sempre, a primeira parte decorreu em escuridão total para os fenómenos de trompete. Foi nesse período que todos ouvimos o tilintar de um sininho. O único sininho naquela sala — o quarto de brinquedos dos nossos filhos — era um pequeno sininho indiano que estava na prateleira da lareira. As crianças brincavam com ele e tinham partido uma haste. Ao ouvir o som, comentei imediatamente que as crianças espirituais se estavam a divertir com o nosso sininho.

Passados momentos, o tilintar parou e ouviu-se um leve «plop» no tapete. Disse que tinham acabado e largado o sininho. Pouco depois, porém, recomeçou e lembro-me bem de dizer que me enganaram e o tinham apanhado outra vez. Desta vez tilintou mais tempo e outra vez o «plop» ao cair.

No fim da sessão, que durou hora e meia, ficámos todos boquiabertos quando acendemos as luzes. No meio do tapete estavam não um — mas dois sininhos!

O nosso, danificado, lá estava; a cerca de 60 cm, outro ligeiramente maior. Este era o apport. Onde eu julgara que o tinham apanhado de novo, na

verdade tinham trazido um segundo sininho para a sessão — e enganaram-me, mas não da maneira que eu pensara!

Ao comparar o som, havia uma ligeira diferença, mas o meu ouvido pouco treinado não a detetara durante a sessão. Foi muito interessante ouvir a gravação no lanche: a diferença ouve-se, mas é tão subtil que não me espanta ter sido enganado.

Guardo ainda os dois sininhos juntos na minha caixa de recordações. A superfície do nosso original, com a haste partida, foi-se manchando com o tempo — como seria de esperar. Mas o sininho apportado mantém o brilho de novo, exatamente igual ao dia em que o recebemos há mais de 30 anos.

Talvez os metais tenham sido tratados de forma diferente na fábrica — não sei, claro — mas acho, no mínimo, intrigante.

A MINHA ORAÇÃO (Composta e ditada pela tia Agg quando se materializou na sessão de 21 de julho de 1953, especialmente para o Sr. Brittain Jones — como se explica após o poema.)

Nas longas e silenciosas vigílias da noite escura e triste, A minha alma clama em angústia ao Deus de Amor e Luz. Envia os Teus Santos Anjos na minha hora mais sombria, Que me tragam Luz e Esperança e deem à minha Alma o poder De subir acima da sordidez dos cuidados e lutas terrenas, Para que eu possa olhar para coisas mais luminosas na Vida Eterna — Onde o Amor é coroado de felicidade, tudo é belo e claro, Onde as flores desabrocham com doce perfume e não há noite. A minha Alma ergue-se sem medo, a noite de dor terminou, Ó Deus de Amor, Tu guias-me para essa margem Celestial. O meu coração clama em graças por todo o Teu carinho Nas Tuas mãos, Senhor, eu venho — Tu respondes AGORA À MINHA ORAÇÃO.

ALGUMAS semanas antes, o Sr. Jones falara com a tia Agg sobre os seus sentimentos pessoais. Dissera-lhe que muitas vezes a vida na Terra já lhe parecia pouco interessante. Habituado a uma existência extremamente ocupada, as suas atividades médicas haviam cessado anos antes. A frustração causada pela inatividade e saúde debilitada fazia a sua mente ainda alerta procurar constantemente respostas — sobretudo à noite, quando não conseguia dormir.

Comentara que a sua utilidade aqui terminara e aguardava com expetativa juntar-se a ela e aos muitos amigos no Mundo Espiritual para «começar uma nova vida». A tia Agg, no seu jeito sereno inconfundível, explicara-lhe que se juntaria a eles quando fosse a hora certa e o seu espírito estivesse pronto. Acrescentara que a paciência era verdadeiramente uma virtude — e ele reconhecera que nunca fora o seu forte. Agora era o momento de tentar compreender e aprender.

Ele prometera fazer o possível para não se deprimir demasiado; a tia Agg garantira que o ajudariam o mais possível — mas ainda havia muito que ele próprio precisava de fazer. Temos de viver as nossas vidas para formar o nosso caráter individual; eles estavam sempre prontos a ajudar e guiar em momentos de necessidade — mas as decisões finais eram sempre nossas.

Algumas semanas depois dessa conversa, a tia Agg materializou-se como de costume, sentou-se numa cadeira à frente da cortina e ditou este poema. Na luz vermelha bastante intensa, consegui escrevê-lo à medida que o ditava. Disse ao Sr. Jones que era especialmente para ele, esperava que o ajudasse e achava que resumia perfeitamente os seus sentimentos naqueles momentos que partilhara com ele em casa várias vezes desde a conversa.

Ele agradeceu muito, comovido. Entreguei-lhe uma cópia dactilografada dias depois e tenho a certeza de que o ajudou. Tornou-se um homem muito mais sereno nos poucos meses que lhe restavam antes de se juntar aos amigos no Mundo Espiritual, mais tarde nesse ano, com 76 anos.

APPORTES; TELECINESE;

ESCRITA ESPIRITUAL; LUZES ESPIRITUAIS

OS MEUS cadernos mostram que, a partir da segunda sessão, 27 de abril de 1946, tivemos provas regulares destes fenómenos. Quase nenhum sábado passava sem referência breve. Nos primeiros seis meses recebemos mais de 60 apports e inúmeros exemplos dos outros tipos.

Listas detalhadas podem ser aborrecidas, por isso aqui vão apenas alguns dos primeiros acontecimentos que não só nos espantaram e encantaram, como nos fizeram perceber que entrávamos num mundo totalmente «novo» de Fenómenos Físicos. Era excitante e emocionante, mas nunca nos iludimos e mantivemos sempre «os pés bem assentes na terra».

APPORTES (do francês «apporter» — trazer). São objetos materiais normais trazidos para dentro ou retirados da sala do Círculo sem contacto humano. Pelos nossos ajudantes espirituais, normalmente desmaterializam o objeto, passam-no pela estrutura da sala e rematerializam-no dentro. Por vezes desmaterializam a parede ou a madeira e trazem o objeto tal como está. Os apports ficam na sala após o fim da sessão e não devem confundir-se com Materializações Ectoplásmicas, que só estão presentes enquanto o ectoplasma emana da médium.

Entre os primeiros apports estavam — uma moeda canadiana de cinco cêntimos de 1889; um penny antigo da minha caixa de moedas em casa; um par de botões de punho da casa de um dos participantes; muitas flores, incluindo um raminho de flor branca (o nosso primeiro apport na terceira sessão), lírios-do-vale, rosas, túlipas, cravos, ásteres, crisântemos, margaridas, dálias, gaillardia e outras.

Mas houve dois apports particularmente interessantes nesses primeiros tempos — • Naquele período, logo após o fim da guerra, tinta luminosa era simplesmente impossível de obter. Lembrei-me de um velho relógio de pulso com números luminosos que julgava estar numa gaveta na casa dos meus pais. A mãe procurou bastante, mas disse-nos antes da nona sessão, a 29 de junho, que não o encontrara. Imaginai o nosso espanto quando, ao acender a luz no fim da sessão, lá estava o relógio em cima do relógio da prateleira da lareira. Os nossos amigos espirituais sabiam evidentemente exatamente onde estava. •

No fim da décima primeira sessão, no chão da lareira, estava um pedaço de um arbusto perfumado chamado Southernwood. A Sra. Hildred mal queria acreditar. Apenas três horas antes estivera em casa a falar com a irmã e dissera que queria um pedaço para transplantar. Sam Hildred contou-nos que ouvira a conversa e achara que lhe poupava o trabalho! Mais tarde, as pessoas espirituais totalmente materializadas traziam frequentemente apports e entregavam-nos pessoalmente aos destinatários encantados. Ao longo dos anos recebemos muitas centenas de apports de vários tipos.

TELECINESE (Movimento de objetos materiais sem contacto humano) Todas as semanas o Trompete, pousado numa tábua de madeira no centro do Círculo, batia no ritmo do nosso canto. Um cinzeiro foi deslocado da prateleira da lareira para outro ponto da sala e, muitas vezes, os objetos da prateleira eram reorganizados sem darmos por isso durante a sessão. Só

víamos as alterações quando a luz se acendia no fim. Um sino de latão de ¾ de libra em forma de Dama de Crinolina que o Syd e a Gladys guardavam na prateleira (visível nas Fotos «B» e «C») era frequentemente tocado pelos nossos visitantes espirituais.

Na décima sessão, Sam Hildred tirou a sua fotografia da prateleira e pousou-a suavemente no joelho da Gladys — tudo em escuridão total, sem qualquer contacto humano.

ESCRITA ESPIRITUAL Costumávamos colocar uma folha de papel no chão da lareira com um lápis — sempre na esperança de que algum amigo espiritual «assine o ponto». Ficámos encantados quando, no fim da décima sétima sessão, encontrámos várias assinaturas: Jack — Agnes — Mona (irmã da Gladys no Espírito) — Ivy (irmã da Doris no Espírito) e um círculo tosco que soubemos ser a marca do Sunrise. Ainda guardo essa folha, e outras se seguiram nas semanas seguintes.

Sam Hildred era sempre brincalhão e resolveu ser diferente. Disse-nos pelo Trompete que assinara o nome, mas teríamos de procurá-lo. Depois de acender a luz, demorámos bastante até o encontrar — escrito na frente da lareira de azulejos, lá em baixo no canto direito!

Outra escrita intrigante, semanas depois, dizia simplesmente: «Já não sou cego». Perguntámos à tia Agg na semana seguinte e ela explicou que fora escrita por um grande amigo dos meus pais, Sr. Cowell Pugh. Passara para o outro lado muitos anos antes — mas em vida na Terra era totalmente cego. Sempre fora uma personalidade alegre e enérgica e evidentemente não mudara no Mundo Espiritual — exceto que «já não era cego»!

LUZES ESPIRITUAIS As minhas notas da sessão n.º 26, a 26 de outubro de 1946, registam quatro Luzes Espirituais com intervalos de cerca de um minuto, cada uma durando dois ou três segundos, antes dos fenómenos de trompete. Tinham cerca de 2,5 cm de diâmetro e apareceram na zona em frente da lareira.

À medida que progredíamos, vimos muitas mais luzes deste tipo, muito mais intensas que as primeiras quatro. Frequentemente duas ou três ao mesmo tempo, permanecendo oito ou nove segundos. Disseram-nos que eram as extremidades incandescentes de varas ectoplásmicas que saíam da médium.

Cerca de um ano depois, a 22 de novembro de 1947, fomos surpreendidos por clarões de luz espiritual intensíssimos — completamente diferentes dos anteriores, que tinham cessado meses antes. Cada clarão iluminava toda a sala, como um flash de máquina fotográfica — mas garanto-vos que não havia tal equipamento naquela sala.

Alguns vieram antes dos fenómenos de trompete; mais surgiram atrás da cortina da cabine durante a materialização. Eram tão fortes que, mesmo com o espaço de apenas 38 cm no topo, toda a sala ficava iluminada. Soubemos que o responsável técnico era o irmão da Gladys no Espírito, Douglas.

Quatro semanas depois, a 20 de dezembro, quando a tia Agg afastou a cortina para entrar na sala para a conversa semanal, o seu rosto foi iluminado por dois clarões vindos de trás da cortina. Disto percebeis que estas luzes estavam sob controlo total dos nossos ajudantes espirituais e portanto não eram perigosas para a médium — ao contrário de qualquer luz branca inesperada usada por alguém no Círculo, que é extremamente perigosa.

Como já disse, são apenas alguns exemplos dos acontecimentos semanais regulares que tivemos o privilégio de testemunhar. Espero que os tenhais achado interessantes e talvez estimulantes.

(Mais poemas encontrados nos papéis da minha mãe após a sua passagem para o Mundo Espiritual).

Nada de luto fúnebre, meus queridos, quando eu partir; Olhares para o cadáver; lágrimas; vestes negras; necrópole sombria; Pensai em mim como retirada para a penumbra, — Ainda vossa — vós meus; recordai o melhor Dos nossos momentos passados — e esquecei o resto. Cremai o meu corpo, meus queridos, Quando eu partir; pensai na minha alma em reinos supernos, Regressando frequentemente à Terra desde o Eterno; Ainda vossa — vós meus; unidos ainda em amor Até que Deus vos chame também, meus queridos — lá acima.

Não há noite que passe sem que alguém diga uma oração Para que aquele que ama seja ajudado a suportar a dor; Para que a manhã traga força e

afaste todos os medos; Esta oração é dita esta noite por mil corações em lágrimas.

Não há manhã que nasça sem que algumas esperanças se realizem; Talvez tenha sido assim para aquele que amas — e para ti. Mas lembrai-vos dos que ainda choram e cujas preces parecem vãs. Então, do vosso coração agradecido, dizei outra vez a oração que fizestes.

ASPETOS DE CURA

O NOSSO Círculo Doméstico de sábado à noite era sempre um Centro de Cura para quem precisava e o seu valor foi ilustrado de tantas maneiras para tantas pessoas diferentes. Talvez um dos aspetos mais significativos fosse a cura dada à minha mãe, a nossa médium. Perguntavam-me frequentemente se os fenómenos físicos tinham algum efeito negativo na saúde da médium. Tinha muito gosto em garantir que, pelo menos no caso da minha mãe, o contrário era verdade.

A mãe foi operada pela primeira vez a cancro da mama em 1942 e, quando iniciámos o Círculo em abril de 1946, o uso do braço esquerdo estava seriamente comprometido pelos gânglios linfáticos inchados. Havia dor constante e não conseguia erguer o braço acima da cintura — mas o seu bom-humor inato e determinação mantinham tudo muito discreto.

Em meados dos anos 50 já estávamos sentados há sete ou oito anos e ela fora operada inúmeras vezes. Cada vez, o cirurgião consultor comentava os seus notáveis poderes de recuperação e, numa ocasião, acrescentou, algo perplexo: «Alguém parece estar a fazer-lhe mais bem do que nós!» Mal ele sabia a verdade das suas palavras. Felizmente, a medicina atual já não é tão dogmática e muitos médicos não hesitam em recomendar «medicina alternativa», incluindo cura espiritual.

Um aspeto particularmente intrigante da cura dada à mãe durante as sessões foi-nos demonstrado quando o Sunrise a controlava — normalmente no fim dos fenómenos de voz de trompete — antes de ela passar para a cadeira atrás da cortina, pronta para as materializações.

O Sunrise punha-a de pé e dizia-nos que ia ajudar o braço da médium. Sem mais demoras, erguia imediatamente o braço esquerdo dela verticalmente acima da cabeça — coisa que ela não conseguia fazer há anos — e

começava a girá-lo como uma hélice. Após três ou quatro minutos deste exercício rápido, baixava o braço ao lado do corpo, ficava um ou dois instantes parado e depois levava-a os poucos passos até à cadeira na cabine e sentava-a.

A mãe, em transe profundo, não tinha qualquer consciência deste movimento do braço, tal como de todos os fenómenos físicos — mas contávamos-lhe sempre enquanto tomávamos chá. Ficava espantada e, por mais que tentasse, nunca conseguia erguer o braço acima da cintura.

O padrão de sono normal da mãe era muito irregular devido às dores constantes, mas após as sessões de sábado à noite dormia sempre quatro a cinco horas seguidas. Se os fenómenos físicos lhe tirassem energia — como alguns parecem pensar — então os seus guias e curadores espirituais substituíam-na, com efeitos benéficos adicionais.

Para além das sessões de sábado, realizávamos também um Círculo de Cura durante a semana em nossa casa. A mãe frequentava-o, apenas como paciente, e recebia cura adicional de outro membro, o nosso fiel amigo Sr. Wilf Waite.

Disseram-nos que, em geral, a mesma equipa de ajudantes espirituais estava presente em ambos os Círculos e era encorajador saber que o poder necessário para curar os outros estava intimamente ligado ao poder que dávamos para os fenómenos físicos de sábado à noite. Na prática — quanto mais dávamos, mais recebíamos — e mais podíamos ajudar os outros!

UMA PENA ECTOPLÁSMICA DO SUNRISE

Como já foi explicado, o Ectoplasma é uma substância material produzida pelos químicos espirituais, que emana do corpo da médium e está, a todo o momento, ligada à Médium.

Isto é de extrema importância e qualquer experiência com Ectoplasma tem de ter a aprovação dos ajudantes espirituais. A sua cooperação é indispensável. Caso contrário, a médium pode correr grave perigo.

Depois de o Sr. Jones ter satisfeito a sua curiosidade médica ao tomar o pulso do corpo materializado da tia Agg em dezembro de 1946, perguntámos à tia Agg se seria possível obter uma amostra de Ectoplasma

— talvez cortando um pedaço das vestes que sempre lhe cobriam o corpo (ver Fotografia «B»).

Ela disse que seria viável, mas avisaria quando tudo estivesse preparado para proteger «a nossa Min», como sempre chamava à irmã, a médium. Esta experiência foi, na verdade, realizada duas vezes em maio de 1947 (ver «Pedaços de Ectoplasma Cortados dos Vestidos da Tia Agg») — mas um mês antes, em abril, o Sunrise anunciara que se materializaria e traria uma Pena Ectoplásmica.

Pediu que tivéssemos pronto um frasco de tamanho adequado com um pouco de água no fundo. Por precaução, preparámos dois frascos ligeiramente diferentes, cada um com tampa de rosca e um fundo de água. Ficaram na prateleira da lareira, prontos para a sessão.

Naquela noite, 26 de abril, tivemos excelentes fenómenos de voz de trompete, incluindo Sam Hildred, que ficou quase 10 minutos a conversar no seu estilo inconfundível. A viúva era agora participante regular e nunca duvidou de que a pessoa espiritual com quem falava semanalmente era o marido — e ele raramente faltava, mesmo que fosse por breves instantes.

Nessa noite em particular, disse-lhe que lhe trouxera cinco cravos, que ela encontraria na sala no fim da sessão, como prenda pelo aniversário de casamento naquele fim de semana — e lá estavam, como prometera!

Após os fenómenos de Trompete, vieram as Materializações na luz vermelha habitual, já então suficientemente intensa para vermos distintamente as formas materializadas. A mediunidade da mãe desenvolvera-se consideravelmente em 12 meses.

Depois de duas pessoas espirituais se materializarem e falarem connosco, Sunrise falou-nos de trás da cortina da cabine por Voz Direta, ou seja, através de uma caixa vocal ectoplásmica, sem trompete. Disse que ia «construir», mas como nunca o fizera antes, consumiria muito poder e a tia Agg viria logo a seguir com a pena prometida.

Acrescentou que não havia líquido suficiente nos frascos, mas que não nos preocupássemos — os químicos espirituais tratariam disso!

Em dois ou três minutos, a cortina foi afastada por uma figura alta, com um toucado completo de penas! Ficou cerca de dois minutos e recuou —

experiência comovente para todos nós, encontrar cara a cara o líder do nosso Círculo do lado espiritual.

Passados mais dois minutos, a tia Agg avançou da cabine no seu jeito amigo. Vimos claramente que trazia não uma, mas duas penas. Explicou que uma era um apport — pena material de fora da sala — e pousou-a na prateleira da lareira. A outra era de ectoplasma; entregou-a ao meu pai, que se sentava junto da cabine, pedindo-lhe que a passasse aos participantes.

Estávamos todos efervescentes de excitação, mas não deixámos que isso toldasse o nosso habitual olhar investigativo. Apalpámos a textura e concordámos que parecia uma pena de asa de ave média — firme e elástica — com cerca de 7,5 cm.

Fui o último a examiná-la, no lado oposto do Círculo. Devolvi-a à Doris para lha entregar à tia Agg, que estava no meio da sala a observar. Mas em vez de a tia Agg a receber, aproximou-se da lareira, pegou num frasco e pediu à Doris que largasse lá a pena. Depois pegou na tampa da prateleira e aparafusou-a — à vista de todos.

A tia Agg ficou ainda a conversar e agradecemos-lhe aquele ano notável e prazeroso. Respondeu que os ajudantes espirituais, incluindo ela, estavam espantados com o progresso incrível em tão pouco tempo. Estariam sempre dispostos a ajudar nas nossas «experiências» interessantes, mas pediram que nunca esquecêssemos o propósito original do Círculo Doméstico — encontros regulares com amigos e familiares do Mundo Espiritual. Garantimo-lo.

Pouco antes de encerrarmos, Sunrise falou novamente por Voz Direta e disse que em breve poderíamos cortar um pedaço das vestes da tia Agg — pelo que lhe agradecemos muito.

MAIS INFORMAÇÃO SOBRE AS DUAS PENAS (a)

A Pena Apport — que a tia Agg pousara na prateleira. Tinha cerca de 13 cm, cor laranja-avermelhada viva e era muito mais macia que a ectoplásmica que todos apalpáramos. Não sabemos donde veio, mas ainda a guardo. (b) A Pena Ectoplásmica — no frasco com tampa. A primeira coisa que notámos foi que havia pelo menos 2,5 cm de líquido, ao passo que o outro frasco mantinha apenas o fundo molhado. Os Químicos Espirituais tinham acrescentado líquido, como Sunrise anunciara.

O frasco passou de mão em mão; examinámo-lo de perto — sobretudo a mãe, que ignorava tudo por estar em transe profundo. O Sydney tinha uma lupa de relojoeiro e, cito as minhas notas dessa noite: «Era branca e parecia plástico — textura muito diferente da pena apport colorida. Sunrise dissera que desapareceria em breve e, de facto, assistimos ao processo durante o lanche. Derreteu-se gradualmente em gotículas que escorreram para o fundo. Tirámos a tampa ao fim de hora e quarto (a pena entrara cerca das 21h) e sentimos um cheiro a lixívia/cloro. Às 23h30 a pena desaparecera por completo, restando apenas líquido.»

O Sr. Jones levou metade do líquido para analisar no laboratório do hospital — à espera de algo invulgar — mas nada. Na semana seguinte disse que os cristais da centrífuga eram normais e os componentes principais semelhantes aos de agentes branqueadores — como o odor indicara.

Apesar do pequeno anticlímax científico, ficámos encantados por termos podido conservar, mesmo que por pouco tempo, uma amostra de ectoplasma após o fecho da sessão. E aguardávamos ansiosamente a experiência prometida.

PEDAÇOS DE ECTOPLASMA

CORTADOS DOS VESTIDOS DA TIA AGG

No fim da 52.ª sessão, 26 de abril de 1947, em que recebêramos a pena ectoplásmica, Sunrise prometera que em poucas semanas poderíamos cortar um pedaço das vestes da tia Agg. Fiel à palavra, três semanas depois a tia Agg falou ao Sr. Jones e pediu-lhe que tivesse a tesoura pronta para a semana seguinte.

Normalmente a avó Lumsden era a primeira a materializar-se, mas nessa semana, 24 de maio, a tia Agg veio primeiro. Saiu da cabine, pôs-se diante do Sr. Jones e convidou-o a cortar um pedaço das vestes ectoplásmicas que ergueu para ele. Quando cortou um quadrado do tamanho de um lenço de bolso, todos vimos a tia Agg estremecer ligeiramente e ouvimos um leve gemido da mãe atrás da cortina.

Sendo experiência aprovada pelos ajudantes espirituais, a mãe não sofreu qualquer dano; mas volto a sublinhar a importância dessa aprovação para a segurança da médium. Os médiuns de materialização em transe profundo entregam-se nas mãos dos participantes — confiança sagrada!

O pedaço de ectoplasma passou pelos participantes; depois coloquei-o na prateleira ao meu lado. Quando a tia Agg se foi, Sunrise falou e disse que também eles estavam a experimentar e não esperavam que o ectoplasma ainda lá estivesse ao fechar o Círculo.

Pediu que não ficássemos muito desiludidos, pois repetiríamos na semana seguinte, com outro frasquinho vazio pronto — os químicos espirituais poriam líquido para tentar conservá-lo mais tempo.

Após outras materializações, encerrámos às 21h20 e, como esperado, ao acender a luz não havia ectoplasma. Mas estávamos ansiosos pela semana seguinte!

Na semana seguinte, 31 de maio, tínhamos dois convidados marcados — um contabilista amigo do Sydney e a enfermeira-chefe de um grande hospital local que trabalhara anos com o Sr. Jones. Perguntámos ao Sunrise se devíamos adiar, mas concordou que prosseguíssemos — para deleite dos visitantes quando lho explicámos.

Tivemos os excelentes fenómenos de trompete habituais e flores-apports para os convidados, incluindo uma rosa e dois cravos. Passada meia hora, a

mãe entrou na cabine e começaram as materializações. Primeiro uma colega de enfermagem do mesmo hospital, depois a mãe do contabilista.

Em ambos os casos, os visitantes reconheceram imediatamente os espíritos materializados e ficaram emocionadíssimos por os poderem abraçar e conversar.

Veio então a tia Agg; após conversar com os convidados no seu jeito amigo, voltou-se para o Sr. Jones e repetiu o corte da semana anterior. O pedaço de ectoplasma passou novamente por todos, incluindo os visitantes; depois desenrosquei a tampa do frasco que estivera na prateleira toda a noite, meti o ectoplasma e voltei a aparafusar.

Nunca a tampa esteve desapertada, mas ao meter o ectoplasma senti o mesmo cheiro a lixívia da pena ectoplásmica cinco semanas antes. Na luz vermelha suave vi que o frasco estava um terço cheio de líquido — mais um apport notável dos químicos espirituais, como Sunrise dissera.

Ao acender a luz no fim da sessão, o ectoplasma ainda lá estava no líquido. Examinámo-lo de perto — sobretudo a mãe — e concordámos que parecia tecido de algodão finíssimo; uma das senhoras disse que lembrava «chiffon» — material quase transparente.

Naturalmente estávamos excitadíssimos por termos realizado experiência tão única — sobretudo na presença dos dois convidados, encantados por fazerem parte dela.

Quando saímos de casa do Syd e da Gladys, o ectoplasma ainda lá estava e só se dissolvera ligeiramente — muito diferente da pena, que se desfizera em duas horas e meia.

O frasco ficou na prateleira; o ectoplasma dissolveu-se gradualmente ao longo de quatro dias até que, na quarta-feira seguinte, só restava líquido amarelado com minúsculos flocos em suspensão.

Nunca soube de experiência idêntica noutro Círculo Doméstico ou sessão, mas ficaria encantado se algum leitor partilhasse experiência semelhante — e talvez com mais dados «científicos».

«No fim de contas, é a nossa conceção da morte que decide as respostas a todas as perguntas que a vida nos coloca.» Dag Hammarskjöld

UM APPORTE MUITO INCOMUM

E PRENDA DE ANIVERSÁRIO

Um dos apports mais invulgares — e seguramente o maior — recebido através da mediunidade da minha mãe não aconteceu numa sessão de Círculo Doméstico, mas em casa dela, no seu 53.º aniversário — 17 de março de 1948.

Os pais tinham uma loja de peixe frito com batatas em Middlesbrough e moravam atrás. A cozinha tinha uma despensa pequena, sem janela, apenas uma grelha de zinco para ventilação — o normal na época no Nordeste. Foi lá que ocorreu este apport excecional.

A Doris e eu morávamos a 10 minutos de carro. Pelas quatro da tarde o telefone tocou. Era a mãe a pedir que eu fosse já, pois havia algo invulgar que queria mostrar-me. Como ajudava na loja de manhã, pensei que fosse do negócio — nada mais disse e saí de imediato.

Ao chegar, os pais estavam na cozinha a tomar chá. A mãe costuma ter um sorriso no rosto, mas daquela vez era enigmático. Sabia que eu estava curioso e disse logo: «Abre a porta da despensa, filho, mas com muito cuidado.»

Naturalmente curioso e algo apreensivo, obedeci. Abri devagarinho; por causa da escuridão, demorei a ver algo fora do comum. Ao escancarar para entrar, parei de repente!

No chão da despensa, aos meus pés, uma montanha de flores de lilás — ocupando todo o espaço e subindo até à primeira prateleira, cerca de 90 cm de altura!

Voltei-me para a mãe que, com um sorriso ainda maior, disse: «Pensei que ficasses surpreendido» — eufemismo total. Mas a explicação foi ainda mais espantosa.

A mãe fizera o chá da tarde, tirara o jarro do leite da despensa, fechara a porta e sentara-se na cadeira ao lado. Depois lembrou-se do açúcar, virou-se, abriu a porta — e deparou com aquele espetáculo no chão.

Um instante antes, ao tirar o leite, o chão estava vazio. Agora estava atafulhado de lilás. Ficaram ambos atónitos e o primeiro pensamento da mãe foi telefonar-me. Fiquei tão espantado como eles.

Instintivamente soube que não era brincadeira. Os meus pais não faziam dessas coisas, e a mãe não me chamaria à loja em vão.

Aconteceu mesmo como ela disse. Sem dúvida. Já houvera apports de flores individuais fora da sala do Círculo, mas normalmente durante as sessões. Esta quantidade de lilás era excecional e a mãe estava perplexa, mas radiante.

Não é preciso dizer que a retirámos imediatamente, fizemos ramos e distribuí por amigos encantados; duraram duas a três semanas — como flores normais.

No sábado seguinte, a tia Agg antecipou a nossa pergunta e pediu que disséssemos à «nossa Min» que tinham tido enorme prazer em trazer-lhe prenda de aniversário tão especial de tantos amigos espirituais que lhe eram próximos!

A escuridão da despensa oferecera condições ideais e foi mais um exemplo da mediunidade notável da mãe. Mas, para variar, dessa vez fora ela a primeira a testemunhar!

A NOTA DE UMA LIBRA DESAPARECIDA

EM 1950, Doris e eu morávamos numa casa geminada na Oxford Road, Middlesbrough. Já tínhamos cinco filhos, dos três aos nove anos, e muito pouco dinheiro sobrando. Doris tornara-se exímia em fazer render o pouco que havia.

Dobráva sempre as poucas notas de uma libra individualmente na carteira e sabia exatamente quantas tinha. Em casa, deixava a carteira numa prateleira alta do aparador galês na sala. Cheguei uma noite e encontrei-a muito perturbada: tinha a certeza quase absoluta de que faltava uma nota.

Interrogara as crianças; juraram que não tinham mexido. Dúvidas de toda a espécie passam pela cabeça dos pais nestas alturas, mas não tínhamos motivo para duvidar deles — e ficámos por aí.

Claro que continuávamos preocupados: perdêramos cerca de um sexto do rendimento semanal — e ainda intrigados. Doris verificou e reverificou as contas e mantinha-se convicta de que faltava uma libra — mas não dissemos nada a ninguém.

No domingo seguinte à noite, porém, tivemos uma surpresa inesperada e deliciosa — embora, após quatro anos de fenómenos notáveis no nosso Círculo, já não devêssemos surpreender-nos tanto. Desta vez foi diferente: não foi durante uma sessão.

Os pais vinham tomar chá connosco quase todos os domingos e ficavam para ver a peça semanal na televisão. Havia sempre um intervalo (o torno do oleiro; o gatinho brincalhão…) em que Doris fazia chá. Nesse domingo, ela foi à cozinha e eu sentei-me ao lado da mãe, pronto para conversar.

Antes que eu dissesse seja o que for, em 30 segundos ela entrou em transe, olhos fechados, e a tia Agg falava connosco. As irmãs tinham um rapport psíquico tão forte que era assim de simples.

Disse-me imediatamente que sabia da nossa preocupação com a nota desaparecida e garantiu primeiro que nenhuma das crianças estava envolvida. Chamei Doris da cozinha e a tia Agg contou-nos o que realmente acontecera.

Devido à força do poder psíquico em nossa casa, as pessoas espirituais podiam usá-lo facilmente para mover objetos — como já tínhamos reparado. Brincadeiras inofensivas das crianças espirituais que nunca desencorajávamos e de que ríamos. Mas desta vez fora diferente.

Fora um rapazinho recém-passado que, em vida, não se importava de «surripiar» coisinhas e cuja mentalidade ainda não mudara. É normal; os poltergeists são exemplo extremo desta incapacidade de compreender a mudança de estado — de terreno para espiritual.

Tirara a nota da carteira de Doris com intenção de a guardar, mas a «aura psíquica protetora» dos nossos ajudantes espirituais impediu-o de a levar para fora de casa e limitara-se a deixá-la. A tia Agg disse que a deixara debaixo do frigorífico na cozinha — pensando que a escondia e não seria descoberto.

Agradeci imenso à tia Agg e disse que a iria buscar já. Respondeu que esperaria até a recuperarmos e que tivera muito gosto em ajudar — sobretudo para ilibar «os miúdos», como lhes chamava.

E lá estava: enfiando uma vara longa de jardim pelo espaço de 2,5 cm sob o frigorífico, SAIU A NOTA DE UMA LIBRA — com pó e cotão, claro! E ainda dobrada ao jeito de Doris. A tia Agg riu-se à maneira dela, disse

«Adeus» e em mais 30 segundos a mãe saiu do transe; pudemos contar-lhe tudo.

Mais um exemplo da proximidade dos nossos amigos espirituais, sempre entre nós, a mostrar cuidado quando necessário. Continuam parte da família e agem como famílias — ajudando sempre que podem. Mas não interferem nem vivem as nossas vidas por nós — isso é sempre responsabilidade pessoal.

Ainda deu tempo para o chá antes do fim do intervalo de 15 minutos, e pudemos contar tudo à mãe. Lembrai-vos: ela não sabia nada até lho contarmos depois de a tia Agg partir e ficou tão contente como nós com o «final feliz».

O UNIVERSO SEM FRONTEIRAS

O Sol é tão grande que caberiam dentro dele mais de 1 000 000 de mundos do tamanho da Terra. Há Estrelas tão grandes que facilmente conteriam 500 000 000 de Sóis. Há 100 000 000 000 de Estrelas na Galáxia média, com 100 000 000 de Galáxias no Espaço conhecido! E o Desconhecido?

«E sempre perto de nós, embora invisíveis, Os nossos Queridos Espíritos Imortais pisam o chão, Pois todo o Universo Sem Fronteiras é vida — Não há mortos.»

UMA CARTA

QUARENTA ANOS DEPOIS

DURANTE uma das suas visitas ocasionais a minha casa no fim de 1988, mencionei ao meu cunhado Tony Carr que escrevia um livro sobre o nosso Círculo Doméstico. O meu caderno mostrava que ele fora convidado na sessão n.º 97, a 28 de fevereiro de 1948, então um jovem algo cético na casa dos vinte. Tony tem hoje um B.A. e passou a vida profissional em áreas científicas e técnicas ligadas à indústria automóvel. É diretor-geral da sua própria empresa de médio porte e meticuloso no detalhe.

Contou-me as memórias ainda vivas da visita e escreveu-me depois uma carta de que agora cito:

«Não fazia ideia, Tom, que tinhas um diário das sessões do Círculo; achei muito interessante, mas também chocante que já lá vão 40 anos! Esqueci algumas coisas, mas há dois pormenores que não mencionaste e que vale a pena registar.

Primeiro — antes de começar, o Syd aconselhou-me a revistar a sala toda para garantir que a única entrada era a porta; que a janela estava fechada e coberta de blackout e não se abria do exterior; e que não havia alçapões no chão ou teto! Ainda o oiço dizer: "Vão dizer-te que havia entradas na sala. Vão, vais ver!" Confesso que relutei, mas fiz para satisfazer o Syd e, claro, uma vez fechada a porta não havia entrada possível.

Segundo — a forma materializada do meu parente tinha barba bastante forte e insistiu que lha puxasse com força para provar que não era falsa. Puxei e não havia maneira de a destacar da cara! Na altura não pensei que lhe pudesse doer — a força do puxão faria qualquer de nós gritar. Mas ele não reagiu.

Para mim, o mais impressionante foi o movimento do Trompete antes das vozes espirituais. Os membros do Círculo sentavam-se à volta do Trompete e perto dele. Numa sala tão pequena era impossível alguém mexer-se sem os outros darem por isso.

Lembro-me vividamente do Trompete erguer-se lentamente do chão (a tinta fluorescente dava um leve brilho no escuro e marcava-nos a posição) e começar a circular. Subia e descia à frente de cada um, cada vez mais rápido, sem nunca tocar no chão nem nos pés. Depois subia ao teto, sem o tocar.

Não havia forma de qualquer participante mover aquele objeto físico tão rápida e diversamente NA ESCURIDÃO. Como sabes, Tom, passei a vida em áreas científicas e técnicas e este episódio continua a ser a experiência única para a qual não encontro, nem consigo imaginar, explicação física.

Não seria maravilhoso se pudéssemos viver isto outra vez ou partilhá-lo ainda mais com outros.»

Sim, Tony, seria mesmo — e espero que este livro dê um passo nesse caminho, para bem de outros.

OLHANDO EM FRENTE

(Um outro poema encontrado entre os papéis da minha mãe após a sua passagem em 1958)

Toma a estrada que se estende à tua frente, Caminha no crepúsculo e sabe que o fim é luminoso. Aceita o que vier e encontra o caminho para a glória, Muito pode correr mal — mas ainda mais corre bem. Enfrenta o dia por mais duro que seja E, com as lágrimas ainda molhadas na face, Aprende a sorrir e continua a olhar em frente — A vida não acabou só porque o Sol se pôs!

NO fim das minhas palestras ilustradas dos anos 60 e 70, convidava sempre perguntas e comentários do público. Seguiam-se debates animados e nasceu a ideia deste livro; mas, por várias razões, o «nascimento» tardou.

Infelizmente não pode haver «sessão aberta» no fim de um livro, mas estou certo de que, para os leitores sérios que queiram investigar mais, haverá sempre alguém ou alguma organização confiável e prestável não muito longe. «Procurai e achareis» mantém-se tão válido como sempre e podeis ficar agradavelmente surpreendidos com o que está «no vosso quintal».

O que se passou no nosso Círculo Doméstico foi prova inegável para quem lá esteve; mas nunca poderá ser prova para mais ninguém — e nunca o sugeriria.

Para vós só pode ser evidência — cuja força depende da credibilidade da fonte; tal como o júri num tribunal. Confio que vos pareci testemunha genuína e honesta — não tenho motivo algum para ser outra coisa — mas a decisão final é vossa.

Aceitai apenas o que apelar à vossa razão e nível de compreensão, lembrando que a perceção muda com o conhecimento. Os cientistas de hoje desmentem regularmente os «factos» de ontem. O que é «verdade» hoje é muitas vezes substituído por outra «verdade» amanhã. Mantende sempre a mente aberta e estai prontos a agarrar o vosso pedaço de prova pessoal quando ele surgir — muito provavelmente de fonte inesperada ou imprevisível.

Certificai-vos de que estais preparados para esse momento propício. Mas não espereis uma experiência «que abale o mundo». Será, com toda a

probabilidade, um acontecimento simples mas profundamente significativo, único para vós — um instante de iluminação indizível — um momento inesquecível a guardar para sempre.

Agradeço-vos do fundo do coração a vossa companhia nesta breve viagem pela Rua da Memória. Mesmo que nunca tenhais o privilégio de encontrar cara a cara os vossos entes queridos espirituais — são muito poucos os que o têm —, lembrai-vos sempre de que eles estão por perto e entre nós, sempre prontos a fazer-se sentir quando a oportunidade surge.

É um velho axioma meu: quando eliminardes o impossível, o que resta, por mais improvável que seja, tem de ser a Verdade. Sir Arthur Conan Doyle.

Fim